

GRAMÁTICA  
DO PORTUGUÊS CULTO  
FALADO NO BRASIL

ATALIBA T. DE CASTILHO  
(coordenador)

VOLUME II

A CONSTRUÇÃO  
DA SENTENÇA

MARY A. KATO  
MILTON DO NASCIMENTO  
(organizadores)



editora **contexto**

# SUMÁRIO



SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS.....	9
APRESENTAÇÃO.....	11
<i>Mary A. Kato e Milton do Nascimento</i>	
A ARQUITETURA DA GRAMÁTICA.....	19
<i>Mary A. Kato e Carlos Mioto</i>	
COMPLEMENTAÇÃO.....	37
<i>Sonia Cyrino, Jairo Nunes e Emilio Pagotto</i>	
PREDICAÇÃO.....	81
<i>Rosane de Andrade Berlinck, Maria Eugenia Lammoglia Duarte e Marilza de Oliveira</i>	
ADJUNÇÃO.....	151
<i>Maura A. Freitas Rocha e Ruth E. Vasconcellos Lopes</i>	
AS CONSTRUÇÕES-Q NO PORTUGUÊS BRASILEIRO FALADO: RELATIVAS, CLIVADAS E INTERROGATIVAS.....	187
<i>Maria Luiza Braga, Mary A. Kato e Carlos Mioto</i>	

A INTERAÇÃO ENTRE ADJUNTOS E DISCURSIVOS NA INTERFACE SINTAXE-DISCURSO.....	229
<i>Maria Luiza Braga e Milton do Nascimento</i>	
ÍNDICE REMISSIVO .....	253
BIBLIOGRAFIA.....	255
OS AUTORES.....	267



## APRESENTAÇÃO

*Mary A. Kato*

*Milton do Nascimento*

Assim como os demais volumes da série, este livro<sup>1</sup> é parte de uma gramática do Português Brasileiro Falado (PBF), revelada por estudos linguísticos do subprojeto Relações Gramaticais no Português Brasileiro Falado (RGPBF), que teve, como banco de dados, o *corpus* Nurc (Norma Urbana Culta). A descrição se limita aos aspectos relativos às relações gramaticais, não incluindo classes de palavras, morfologia e fonologia, aspectos textuais, objetos de outros volumes da série. Contudo, por se tratar da gramática da língua falada, inclui o estudo da interação de elementos sintáticos com os discursivos na ordem linear dos enunciados.

O subprojeto RGPBF foi inicialmente coordenado por Fernando Tarallo e Mary A. Kato, ambos da Unicamp, tendo sido conduzido, após o falecimento de Fernando Tarallo, por Mary A. Kato, com a colaboração, em ocasiões distintas, de Charlotte Galves (Unicamp) e Milton do Nascimento (UFMG). Dele participaram, como pesquisadores, professores e alunos de pós-graduação, alguns hoje professores em instituições superiores do país. A lista inclui apenas pesquisadores que tiveram autoria em algum trabalho publicado do subprojeto. Aqui a vinculação desses participantes aparece como era na ocasião do subprojeto. São eles: da Unicamp: a) professores: Fernando Tarallo, Mary A. Kato, Charlotte Galves, Maria Bernadete Abaurre, Maria Luiza Braga e b) alunos: Alvana Boff, Carlos Miotto, Dercir P. de Oliveira, Emilio Paggotto, Eunice Nicolau, Jairo Nunes, Helena Britto, Maria Aparecida Lopes-Rossi, Maura Alves de Freitas Rocha, Nilmara Sikansi, Nilza Barroso Dias, Rosana de

Andrade Berlinck, Ruth Moino, Sonia Cyrino, Vicente Cerqueira e Vilma Reche Correa. Da UFRJ: a) professores: Célia T. Oliveira, Dinah Callou, Giselle M. O Silva, João Morais, Yonne Leite e b) alunos: Andréa Rodrigues, Carmen Lúcia de Castro, Cecília Moreira, Julia Fernandes Lopes, Julio César Souza de Oliveira, Kátia Vitória Santos, Lílian C. Teixeira, Maria Annita Marques dos Santos, Mônica E. de Lima, Mônica Orsini, Elenice Costa e Violeta Rodrigues. Da UFMG os professores: Maria Beatriz Decat, Michael Dillinger e Milton do Nascimento.

O presente volume foi elaborado por um subgrupo de pesquisadores que efetivamente participou do projeto RGPBF, com exceção de Maria Eugenia Lammoglia Duarte e Marilza de Oliveira, que ajudaram a retrabalhar o capítulo sobre predicação. O trabalho de reescritura dos tópicos trabalhados no subprojeto foi feito com os seguintes objetivos em mente: a) completar as lacunas descritivas e argumentativas dos trabalhos originais, b) dar maior legibilidade aos textos para adequá-los ao público-alvo, c) comparar os fenômenos estudados eventualmente com outros trabalhos congêneres posteriores e com a própria reflexão teórica atual dos colaboradores do presente volume e d) sistematizar formalmente os aspectos trabalhados para dar uma iniciação àqueles não familiarizados com a teoria formal subjacente às descrições.

O livro tem como destinatário um leitor não especialista em Linguística formal, mas aberto a inovações conceituais, terminológicas e técnicas, que fogem aos usos convencionais da gramática tradicional. Todos os capítulos conterão, além da descrição de um tipo de relação gramatical, uma iniciação aos aspectos estruturais subjacentes às relações estudadas.

O conteúdo do livro é o de uma *gramática descritiva*, não tendo caráter normativo. Não há a preocupação em prescrever os usos bem aceitos institucionalmente, mas sim em retratar o que se observa no português do Brasil (PB) falado por indivíduos cultos, em diferentes contextos discursivos, independentemente de critérios valorativos de certo e errado. Ao incluir dados de vários tipos, desde elocuições formais até conversações face a face, o livro fornece alguns aspectos de variação que levam em conta a formalidade/informalidade do discurso.

## OBJETO DE ESTUDO

As análises apresentadas neste e nos demais volumes da *Gramática do português falado* são baseadas no *corpus* compartilhado do projeto da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil (Nurc), que selecionou um tipo de inquérito por capital, listados a seguir com seu número de catálogo. No corpo do texto, os exemplos são identificados pelo tipo de inquérito: D2 (diálogo entre dois informantes);

DID (diálogo entre documentador e informante; EF (elocução formal), seguidos da identificação da capital: REC (Recife); SSA (Salvador); RJ (Rio de Janeiro); SP (São Paulo) e POA (Porto Alegre):

D2 REC 05; D2 SSA 98; D2 RJ 355; D2 SP 360; D2 POA 291  
 DID REC 131; DID SSA 231; DID RJ 328; DID SP 234; DID POA 45  
 EF REC 337; EF SSA 49; EF RJ 379; EF SP 405; EF POA 278

Na presente reescritura, apenas o capítulo “As construções-Q no português brasileiro falado: relativas, clivadas e interrogativas” fez uso de um *corpus* expandido de São Paulo e faz referências a exemplos retirados da imprensa.

Delimita-se como objeto de estudo deste volume o desempenho linguístico dos falantes cultos na produção de enunciados constituintes de textos orais, um objeto externo, observável através do *corpus* gravado de falantes brasileiros. Entende-se que o que subjaz a esse produto é a capacidade desses falantes de produzir enunciados a partir de um sistema complexo, de componentes multifacetados da *faculdade da linguagem*, que interagem entre si de maneira ainda pouco compreendida. O uso parcial da metodologia da variação na fase da pesquisa permite, contudo, chegar a algumas generalizações empíricas sobre o seu funcionamento, isto é, tais estudos podem ser um caminho, indireto, para desvendar como se dá a interação de pelo menos alguns desses componentes.

O objeto de estudo é, portanto, a língua produzida e registrada em *corpus*, a que Chomsky (1986) chama de *Língua-E* (externa e extensional), mas utiliza-se também a intuição dos falantes que participaram deste estudo, além dos dados encontrados em artigos de natureza teórica e/ou empírica.

## A CONCEPÇÃO DE GRAMÁTICA UTILIZADA

Embora o objeto de estudo seja a *Língua-E*, encontrada em *corpus*, entende-se que o desempenho linguístico do falante/ouvinte engloba necessariamente, como um dos componentes mentais que a produziu, a *gramática* internalizada (a *Língua-I*), como postula Chomsky (1999: 244), segundo o qual:

A língua está encaixada em sistemas de performance que permitem que as suas expressões sejam usadas para articular, interpretar, referir, perguntar, refletir e exercer outras ações. Podemos considerar que cada DE é um complexo de instruções para estes sistemas da performance, fornecendo informação relevante para o seu funcionamento. Se bem que a ideia de que a linguagem é “desenhada com vista ao uso” ou “bem adaptada às suas funções” não tenha um sentido claro, esperamos encontrar conexões entre as propriedades da linguagem e a maneira como é usada.

Nessa perspectiva, enfoca-se, neste volume, a *Língua-I* como o módulo que alimenta, com instruções, o sistema de desempenho. Cada capítulo terá, pois, em sua terceira parte, algumas descrições estruturais (DE – árvores) postuladas para a gramática do português brasileiro. A importância desse tipo de representação encontra-se nas palavras de Pinker (2002: 114), segundo o qual:

A diferença entre o sistema combinatório artificial, que encontramos nos mecanismos de cadeias de palavras, e o natural, que encontramos no cérebro humano, resume-se num verso do poema de Joyce Kilmer: “Só Deus pode fazer uma árvore”. Uma sentença não é uma cadeia mas uma árvore. Numa gramática humana, palavras se agrupam em sintagmas, como brotos num galho. O sintagma recebe um nome – um símbolo mental e pequenos sintagmas podem ser reunidos em sintagmas maiores.

O que se afirma pode ser lido na pauta da distinção, e correlação, que se estabelecem, aqui, entre “sentença”, de um lado, e “enunciado” de outro. Uma sentença não é uma cadeia de palavras, mas uma árvore, como vimos anteriormente. Não é um construto que se encontra de forma visível na materialidade do enunciado: encontra-se “no cérebro humano”, “numa gramática humana”, como uma das condições necessárias para a produção dos enunciados.

Segundo o pressuposto anterior, um dos componentes da faculdade da linguagem é a *Gramática* (ou *Língua-I*), entendida, conforme a visão chomskiana, como um sistema de *Princípios* universais, que regem a forma das línguas humanas, e de *Parâmetros* estabelecidos conforme a língua do ambiente. Os primeiros excluem o que não é possível em uma língua natural e os últimos definem o tipo de língua particular adquirida por um falante. Os padrões sintáticos que os Parâmetros definem para o PB constituirão a base teórica de nossa descrição.

O saber linguístico do adulto *culto* tem, entretanto, uma outra camada que provém da escolarização e do seu conhecimento das formas da escrita, do qual o falante tem até mais consciência do que a que tem da gramática que adquiriu sem instrução, através dos valores dos *Parâmetros* selecionados. Em muitos domínios gramaticais, o falante escolarizado passa, portanto, a contar com formas competitivas para um mesmo sentido, em geral formas conservadoras de fases anteriores do português brasileiro, ou, ainda, empréstimos de formas ditadas pelas normas portuguesas. Por exemplo, para o falante culto do português brasileiro, a concordância é *automática/categórica* quando o sujeito está antes do verbo, mas opcional quando aparece depois. Provavelmente, o falante fará uso da forma (1b), conservadora e aprendida na escola, em contexto formal e da forma (1b’), inovadora, em fala descontraída. Logo, a língua admite variação sintática, mas a consideração de fatores externos a ela

na descrição do fenômeno permite prever quando cada forma ocorre, em uma abordagem *probabilística*. O asterisco será usado quando a ocorrência for impossível para o falante culto.

- (1) a. Os ovos chegaram.  
 a'. \*Os ovos chegou.  
 b. Chegaram os ovos.  
 b'. Chegou os ovos.

A possibilidade de escolha não se limita a aspectos que, através da escolarização, podem deixar de ser usados, como o caso da forma (1b'), sem concordância, estigmatizada pela escola. Assim, o que temos com as interrogativas (2a) e (2b) é um tipo de variação que pode ser encontrado antes da escolarização:

- (2) a. Onde a Maria mora?  
 b. A Maria mora onde?

A utilização de um *corpus* como o Nurc enfatiza o PB em uso como inerentemente variável e a descrição como um retrato dessa variação. Essa perspectiva se justifica tendo em vista que:

- a. a metodologia de coleta no Nurc operou com variáveis extragramaticais como região e tipo de discurso, além de variáveis estritamente linguísticas;
- b. o PB falado apresenta, conforme pesquisas diacrônicas, inovações em sua gramática ainda não absorvidas ou percebidas pelas gramáticas normativas, o que faz prever a ocorrência de formas competitivas na fala de um indivíduo culto;
- c. uma gramática descrita a partir de *corpus* pode dar pistas concretas do uso que o falante faz dos vários subsistemas da faculdade da linguagem.

O uso de *corpus* envolve, muitas vezes, uma assepsia dos dados para eliminar segmentos típicos da fala tais como hesitações, repetições, pausas, intromissão de elementos discursivos, sem função estritamente gramatical. Todavia, a descrição de uma gramática da fala torna-se mais fiel a ela se inclui todos esses itens. A descrição, neste livro, usou os dados em sua íntegra, e o resultado revela como tais elementos se inserem no fluxo da fala, competindo espaço com outros constituintes gramaticais. Parte desses elementos discursivos são exigidos pelo planejamento da fala (ex.: hesitações, repetições) ou para atender ao requisito da clareza perceptual, mas muitos têm um estatuto, no nível textual, de tornar o enunciado

uma unidade do discurso. Da mesma forma que as palavras retiradas do léxico precisam da morfologia flexional para se realizar na sintaxe, os preenchedores discursivos, juntamente com muitos adjuntos, parecem ser o estofa necessário para o enunciado se tornar uma unidade do texto/discurso. Este volume dedica um capítulo especial apenas para esse tipo de elemento.

O livro privilegia as relações gramaticais no nível sentencial e verbal, não incluindo relações no interior do sintagma nominal, objeto do volume referente a *Classes de palavras*.

## ORGANIZAÇÃO DO VOLUME

A apresentação das relações gramaticais neste volume privilegiou uma ordem que vai da palavra ao discurso: complementação > predicação > adjunção > construções com elementos deslocados > preenchedores. Nesse sentido, este volume pressupõe a leitura de outro volume, da série, sobre as *Classes das palavras*.

No capítulo “Complementação”, começamos revendo a noção de complementação nas gramáticas tradicionais e, a partir daí, discutimos a) a distinção entre argumento externo e argumento interno; b) tipos de verbos em função de seus complementos; c) a realização preenchida ou vazia ( $\emptyset$ ) desses complementos, d) a forma e a ordem dos complementos foneticamente realizados; e e) a representação estrutural dos padrões de complementação estudados.

No capítulo “Predicação”, discutimos a) a noção de sujeito na tradição gramatical, b) a noção de sujeito adotada neste volume, c) a ordem dos constituintes sentenciais e a concordância verbal entre sujeito e verbo, d) a tipologia de sujeito, com especial atenção à representação do sujeito pronominal, e e) as construções de tópico marcado. O capítulo também traz uma seção de análise sintática formal dos padrões de predicação estudados.

No capítulo “Adjunção”, definimos o que sejam adjuntos a partir do que deles se fala na gramática tradicional, diferenciando-os de argumentos, e discutimos a) forma, b) função semântica e c) posição dos diferentes adjuntos na estrutura sentencial. Finalizamos o capítulo com a discussão sobre a representação estrutural dos padrões de adjunção estudados.

No capítulo sobre “Construções-Q”, descrevemos a) as tradicionais *orações relativas adjetivas restritivas e livres*, sendo as restritivas descritas em seus subtipos (a padrão, a cortadora e a com resumptivo); b) as *orações clivadas e pseudoclivadas* e seus subtipos e c) as *orações interrogativas-Q* e seus subtipos. Cada uma dessas construções terá uma seção descritiva, com alguma referência ao que se diz sobre essas construções na gramática tradicional, e uma de sistematização formal.

No capítulo “A interação entre adjuntos e discursivos na interface sintaxe-discurso”, propomos uma perspectiva de análise da maneira como os falantes operam com as instruções da Língua-I para integrar adjuntos e discursivos na organização dos enunciados. Começamos por focar a proposta de análise dos discursivos apresentada pela NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira). A partir daí: a) descrevemos a interação entre adjuntos e discursivos em enunciados do *corpus* analisado e b) propusemos uma especificação do papel da operação de adjunção no estabelecimento da correlação adjuntos/discursivos na interface sintaxe/discurso.

Resumindo, o livro tenta mostrar como, a partir do verbo, o falante constrói suas sentenças e, a partir destas, seu discurso/texto.

Para finalizar, gostaríamos de agradecer ao nosso companheiro Ataliba de Castilho, que, além de nosso coordenador geral no Projeto da Gramática do Português Falado e de coordenador geral desta nova série *Gramática do português culto falado no Brasil*, foi um leitor cuidadoso e crítico da primeira edição deste volume. Devemos muito, ainda, à colega Maria Eugenia Duarte pela enorme ajuda em inúmeros aspectos desta segunda edição.

Agradecemos ainda ao CNPq pelas bolsas de produtividade em pesquisa com que contaram muitos dos autores durante a confecção deste volume. Os números dos processos atuais aparecem mencionados nos capítulos relevantes.

## NOTA

<sup>1</sup> Projeto temático Fapesp (proc. n. 91/1024-0) coordenado por Mary A. Kato (1992-1996). Sobre esse projeto, consultem-se os volumes I-VIII da série *Gramática do português falado* (Castilho, 1990; Ilari, 1992; Castilho 1993; Castilho e Basílio, 1996; Kato, 1996b; Koch, 1996; Neves, 1999; Abaurre e Rodrigues, 2002), onde aparecem, como autores, todos os que participaram nas versões originais dos trabalhos de pesquisa. Sobre o *corpus* Nurc, consulte-se Castilho (1989).